



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELLECTUAL DA UNICAMP

Versão do arquivo anexado / Version of attached file:

Versão do Editor / Published Version

Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:

<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/18629>

DOI: 0

Direitos autorais / Publisher's copyright statement:

©2024 by UNICAMP/IFCH. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>

BISSEXUALIDADE: DO QUE SE TRATA?¹

Margaret Mead²

Tradução: Jinx Vilbas³

RESUMO: Em texto publicado na revista *Redbook* – publicação estadunidense voltada às mulheres – em 1975, a antropóloga Margaret Mead aborda a problemática da bissexualidade. Dialogando com o público da revista, a autora propõe o reconhecimento dessa sexualidade como uma expressão normal do comportamento humano. Destaca, ainda, a resistência histórica ao diálogo aberto sobre o tema e observa a falta de um movimento de libertação bissexual, e aponta para a importância de superar preconceitos para compreender a capacidade humana de “amar ambos os sexos”, citando exemplos históricos e sociedades antigas. Mead conclui defendendo a liberdade de escolha em relacionamentos e a necessidade de respeito e dignidade para todos, alinhada ao movimento contemporâneo de reconhecimento da singularidade de cada indivíduo.

PALAVRAS-CHAVE: Bissexualidade. Margaret Mead. Sexualidade. Revista *Redbook*.

¹ Original: MEAD, Margaret. Bissexuality: What's It All About?. *Redbook*, January, p. 29-30, 1975. *Reproduced by permission of the American Anthropological Association. Not for sale or further reproduction / Reproduzido com a autorização da American Anthropological Association. Não se destina a venda ou reprodução posterior.*

² Antropóloga estadunidense nascida em 1901 e falecida em 1978. Dedicou-se a estudar temas de cultura e personalidade, sexualidade e papéis de gênero. Um de seus trabalhos mais famosos, *Coming of Age in Samoa*, abordou a formação da adolescência em garotas samoanas, com base em normas e expectativas culturais. Seu trabalho teve um impacto significativo no campo da antropologia e provocou debates sobre a relatividade cultural e as influências sociais na formação das identidades.

³ Doutorande em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas. E-mail: danielvilbas@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2045-5067>.

BISEXUALITY: WHAT'S IT ALL ABOUT?

ABSTRACT: In a text published in *Redbook* magazine – a North American publication aimed at women – on 1975, anthropologist Margaret Mead addresses the problem of bisexuality. In dialogue with the magazine's audience, the author proposes the recognition of this sexuality as a normal expression of human behaviour. She also highlights the historical resistance to open dialogue on the subject and notes the lack of a bisexual liberation movement, and points to the importance of overcoming prejudices to understand the human capacity to “love both sexes”, citing historical examples and ancient societies. Mead concludes by defending freedom of choice in relationships and the need for respect and dignity for all, in line with the contemporary movement to recognise the uniqueness of each individual.

KEYWORDS: Bisexuality. Margaret Mead. Sexuality. *Redbook* magazine.

BISEXUALIDAD: ¿DE QUÉ SE TRATA?

RESUMEN: En un texto publicado en la revista *Redbook* – una publicación norteamericana dirigida a las mujeres – en 1975, la antropóloga Margaret Mead aborda el problema de la bisexualidad. En diálogo con el público de la revista, la autora propone el reconocimiento de esta sexualidad como expresión normal del comportamiento humano. También destaca la resistencia histórica al diálogo abierto sobre el tema y constata la inexistencia de un movimiento de liberación bisexual, y señala la importancia de superar los prejuicios para comprender la capacidad humana de “amar a ambos sexos”, citando ejemplos históricos y de sociedades antiguas. Mead concluye defendiendo la libertad de elección en las relaciones y la necesidad de respeto y dignidad para todos, en línea con el movimiento contemporáneo de reconocimiento de la singularidad de cada individuo.

PALABRAS CLAVE: Bisexualidad. Margaret Mead. Sexualidad. Revista *Redbook*.

Chegou a hora, creio, em que devemos reconhecer a bissexualidade como uma forma normal do comportamento humano.

Toda a questão da preferência sexual tem sido um tabu por tanto tempo na nossa e na maior parte das outras sociedades ocidentais, que

o tema da bissexualidade tem sido raramente abordado ou, até muito recentemente, franca e abertamente discutido. A ideia de que uma mulher – ou um homem – é capaz de amar pessoas de ambos os sexos simplesmente não ocorre para a maior parte das pessoas.

Na nossa cultura é bem sabido que meninas muito novas podem passar por um período em que se apaixonam por outra menina ou por uma mulher mais velha, admirada. Geralmente tratamos isso mais ou menos como uma fase inofensiva da adolescência que vai passar assim que a menina entrar em relações mais vívidas com meninos e homens jovens. Os garotos também podem passar por um período em que se sentem próximos a alguém de seu próprio sexo, mas tratamos essas relações, especialmente se elas envolvem experimentação sexual, muito mais cautelosamente, pois qualquer sombra de dúvida lançada sobre a heterossexualidade de um homem pode adversamente afetar a postura das pessoas em relação a ele por toda sua vida.

Ocasionalmente, a transição falha – como vemos. Mas, em sua maior parte, homens e mulheres, adaptando-se facilmente aos costumes em que foram criados, limitam-se a uma escolha heterossexual de namorados, companheiros e parceiros⁴. Então, a dúvida de que se, enquanto adultos, poderiam se apaixonar por um membro de seu próprio sexo, assim como a questão da bissexualidade na escolha sexual e no amor, é ignorada.

Mas agora, o Movimento de Libertação Gay [*Gay Liberation Movement*]⁵, através de suas reivindicações e protestos, tem trazido à luz do dia os problemas de homens e mulheres que, seguindo uma profunda preferência pessoal, escolhem membros de seu próprio sexo como namorados e companheiros de vida. Isso, eu acho, deveria abrir nossas mentes para um entendimento mais nítido não somente da

⁴ N.T.: Nesta tradução, optei por utilizar uma linguagem não-binária quando possível, especialmente quando isso não alterava o significado ou sentido dado pela autora ao texto. Quando julguei que não seria possível fazer esse uso, foi mantido o original.

⁵ N.T.: O Movimento de Libertação Gay foi um movimento social existente entre o fim dos anos 1960 e os anos 1980 na América do Norte, em outros países anglófonos e na Europa. Demandava o fim da discriminação contra gays e lésbicas. Teve também o protagonismo de importantes militantes trans, como Marsha P. Johnson e Sylvia Rivera.

homossexualidade, mas também da nossa capacidade humana de amar pessoas de ambos os sexos.

Todos os movimentos de libertação da última década deram voz a grupos na nossa sociedade – negros, etnias, pessoas jovens, mulheres – que se uniram para protestar contra discriminações graves e para demandar acesso igualitário a bons empregos e salários justos, direitos iguais de moradia e dentro de suas comunidades e, acima de tudo, dignidade como indivíduos. Membros do Movimento Gay têm se encaixado nessa categoria mais ampla de protesto como homens e mulheres que foram discriminados – e mesmo violentamente rejeitados – em virtude de seu comportamento sexual diferir daquilo que seus parentes, vizinhos, amigos e o público em geral foi levado a acreditar que é normal. O que os homens e as mulheres no Movimento Gay estão agora demandando é que rompamos nossos preconceitos e reconhecamos seu direito enquanto adultos à sua própria identidade social escolhida.

Mas não há, e parece improvável que haverá, um movimento de libertação bissexual. Porque a verdade é que homens e mulheres bissexuais não formam um grupo distinto, já que de fato nós não reconhecemos realmente a bissexualidade, em nossa sociedade, como uma forma de comportamento, normal ou anormal.

Em vez disso, tendemos a dividir as pessoas em dois grupos, cada um sendo a imagem espelhada do outro. De longe, o maior grupo inclui todos os homens e mulheres heterossexualmente orientados, a maioria dos quais não consegue sequer imaginar se apaixonar por alguém de seu mesmo sexo. Um grupo muito pequeno (embora não saibamos, ainda, o quão grande ele pode ser), simplesmente revertendo o que consideramos como normal, se limita a pessoas de seu próprio sexo ao escolher namoradas e companheiros.

Vagamente, entretanto, nós reconhecemos a existência de homens e mulheres que infelizmente, do nosso ponto de vista, se apaixonam por uma pessoa homossexual do sexo oposto. É colocando os companheiros dedicados de muitos homossexuais nessa terceira categoria indistinta que explicamos a nós mesmos que os homossexuais geralmente são casados e pais – ou mães – de crianças. Nós tendemos a acreditar que esses não são

homossexuais “reais”. Esta é uma crença que segue naturalmente nossa crença cultural de que homossexuais são heterossexuais ao contrário – pessoas que, como nós, estão comprometidas em amar pessoas de apenas um sexo, mas diferem da maioria no fato de que seu compromisso é com pessoas de seu próprio sexo.

Mudar posturas tradicionais em relação à homossexualidade é, em si mesmo, uma experiência de expansão da mente para a maior parte das pessoas. Mas não teremos sucesso em descartar a camisa-de-força de nossas crenças culturais sobre a escolha sexual se não conseguirmos aceitar a capacidade humana normal e bem documentada de amar pessoas de ambos os sexos.

Mesmo um olhar superficial para outras sociedades e alguns grupos na nossa própria sociedade seria o suficiente para convencer-nos que um número muito grande de seres humanos – provavelmente a maioria – é bissexual em sua potencial capacidade para o amor. Se eles vão se tornar exclusivamente heterossexuais ou exclusivamente homossexuais por todas as suas vidas e em todas as circunstâncias, ou se eles serão capazes de entrar em relações sexuais e amorosas com pessoas de ambos os sexos é, na verdade, uma consequência da maneira que eles foram criados, das crenças particulares e preconceitos da sociedade em que vivem e, até certo ponto, de sua própria história de vida.

Somente quando todo o assunto da seleção sexual esteve distante no tempo ou espaço é que foi possível, até recentemente, pensar e falar abertamente sobre a homossexualidade. Mas, mesmo assim, geralmente não reunimos todos os fatos de forma realista.

Pessoas com uma educação clássica sabem que entre os antigos Gregos, meninos jovens eram amados por homens mais velhos, e que entre os Espartanos um soldado jovem e um maduro eram unidos como companheiros e amantes como um dispositivo para fornecer um exército cujos membros lutariam lado a lado até a morte. Mas mesmo sabendo disso, geralmente deixam de fora que os homens mais velhos também tinham esposas e crianças. Estudiosos do Extremo Oriente sabem que em muitos países havia uma fase monossexual para os meninos; muito menos é sabido sobre as meninas, principalmente porque a maior parte

dos estudos foi feita por pesquisadores homens. Depois, os meninos se casavam e tinham filhos, e então como homens mais velhos tinham relacionamentos amorosos com homens jovens. Mas as diferentes fases da vida têm sido apenas uma maneira pela qual a bissexualidade foi construída em muitas culturas.

Estudiosos das condições sociais em nossa sociedade já estão cientes de que em qualquer grupo totalmente masculino – em uma escola para meninos, em uma prisão ou em um navio em uma longa viagem – homens tomam outros homens como parceiros sexuais. De forma semelhante, em grupos totalmente femininos – em uma escola para meninas, uma prisão ou uma comunidade religiosa – intensas embora não necessariamente escancaradas relações sexuais se desenvolvem entre mulheres. Mas também é perfeitamente sabido que o marinheiro desembarcado busca ativamente meninas e mulheres, e assim que elas entram em uma fase mais madura da vida, apaixonam-se e casam-se com homens.

O remédio em tempos recentes tem sido dar fim às instituições separadas por sexo tanto quanto possível. Mas o duradouro preconceito contra a homossexualidade tem nos cegado quanto a todas as implicações dos fatos. Nós reconhecemos o fato de que homens e mulheres, restritas por sua criação ou pelas circunstâncias à companhia exclusiva de seu próprio sexo, às vezes substituirão pessoas de seu próprio sexo por pessoas do sexo oposto. Ou vemos esses relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo como uma forma de promiscuidade, na qual o sexo da pessoa parceira é irrelevante. Certamente nós não colocamos tais relações na mesma categoria, como escolhas baseadas em amor dedicado e o desejo por companhia sexual permanente.

De resto – apesar da grande controvérsia sobre as causas e a possível “cura” da homossexualidade – é geralmente presumido em nossa sociedade que poucos seres humanos contrariam as expectativas de amor heterossexual, provavelmente devido a um trauma na infância que os fez temer ou odiar o sexo oposto ou, alternativamente, preferir profundamente o papel do sexo oposto. E a maior parte das pessoas acredita que a preferência homossexual enquanto escolha do indivíduo não é menos exclusiva e permanente que a preferência heterossexual.

Talvez o desenvolvimento mais livre da bissexualidade tenha ocorrido no passado, em períodos e em grupos nos quais o cultivo da individualidade tenha sido um valor central. Na Renascença, particularmente nos círculos das cortes, homens e mulheres que eram cultes [*cultivated*], liberais e envolvidos profundamente umas com as outras experimentaram uma grande variedade de relacionamentos pessoais como parte de sua exploração de um mundo no qual política, arte, música, teatro e preocupações intelectuais eram interligados de forma complexa. Na Inglaterra elizabetana, onde rapazes interpretavam todos os papéis femininos no palco, o recurso teatral no qual um jovem, desempenhando o papel romântico de uma moça disfarçada de rapaz, se apaixona por um homem, tinha possibilidades quase infinitas de divertimento para a corte e para o povo.

Em outras ocasiões, grupos de escritories, artistas, músicos, e homens e mulheres ligadas ao teatro cultivaram a bissexualidade por um prazer pela personalidade, independente de raça, classe ou sexo. Os grupos internacionais de artistas em *Rive Gauche*⁶, Paris, antes e depois da Primeira Guerra Mundial, e o Grupo de Bloomsbury⁷ em Londres, todos eles homens e mulheres criativos e inovadores, eram privadamente, mas também francamente bissexuais em seus relacionamentos. Para muitos deles, ambas as diferenças entre homens e mulheres, e as diferenças entre o temperamento dos indivíduos e suas habilidades eram a base de arranjos amorosos de grande intensidade e significado.

Foi preciso coragem para romper com os preconceitos vitorianos e arriscar encontros com as selvagens leis contra a prática da homossexualidade, e as vidas desses homens e mulheres, parcialmente abertas umas para as outras, fecharam-se para o mundo. O fato de que muitos deles

⁶ N.T.: A “Margem Esquerda” do Rio Sena, em Paris, foi um importante polo de atividade artística e cultural durante o início do século XX. Esse território atraiu uma profusão de artistas, escritores e intelectuais do mundo todo, criando um ambiente de intensa atividade cultural, por onde circularam intelectuais como Jean-Paul Sartre, Gertrude Stein e Alice B. Toklas, dentre outros.

⁷ N.T.: O Grupo de Bloomsbury era um círculo de intelectuais, artistas e escritores britânicos que se reuniam em torno do bairro de Bloomsbury, em Londres, nas primeiras décadas do século XX. Dentre essas pessoas estava a escritora Virginia Woolf e o economista John Maynard Keynes.

foram casades, e amaram e brigaram com seus maridos e esposas lhes tornou respeitáveis. Que muitos tenham tido casos de amor ardente com as esposas e os maridos dos outros foi escandaloso, mas não ultrajante. Porém, o reconhecimento de que eles também amavam pessoas de seu próprio sexo teria resultado em ostracismo do mundo externo no qual tantas dessas pessoas desempenhavam importantes papéis. É apenas lentamente – e às vezes sob aspecto de ficção – que nós passamos a apreciar algo da complexidade de suas vidas.

Mas os tempos e nossas expectativas têm mudado. Em seu recente livro, *Portrait of a Marriage*, Nigel Nicolson⁸ põe no centro da história do dedicado casamento de seus pais, as cartas e o diário no qual sua mãe registrou seu longo e intenso relacionamento amoroso com outra mulher. Vita Sackville-West, sua mãe, oriunda de uma família ilustre, foi romancista e poeta; seu pai, Harold Nicolson, foi escritor, diplomata e, por muitos anos, parlamentar. Ambos eram bissexuais em seus relacionamentos amorosos. Seu casamento era fundado em uma confiança profunda e duradoura, e em uma comunidade de interesse simbolizada pela casa e pelo grande jardim que criaram juntas ao longo de toda uma vida.

Essa e outras biografias de homens e mulheres criativos daquele período estão abrindo nossos olhos para todo um novo aspecto de nossa cultura. Pois é a primeira vez na história da nossa literatura de língua inglesa que indivíduos identificados, e não personagens ficcionais, têm sido tratados como abertamente bissexuais, capazes de amar e se relacionar com indivíduos de ambos os sexos francamente, e com ênfase tanto na personalidade como no sexo. O que é novo não é a bissexualidade, mas sim a ampliação de nossa consciência e de nossa aceitação das capacidades humanas para o amor sexual.

Hoje, o reconhecimento da bissexualidade, em si e em outres, é parte de todo o movimento de meados do século XX de conceder a cada indivíduo, independente de raça, classe, nacionalidade, idade ou sexo, o direito de ser uma pessoa que é única e que tem uma identidade social merecedora de dignidade e respeito.

⁸ N.T.: Escritor, editor e político britânico filiado ao Partido Conservador.

A essa altura da História de nossa Terra, não há necessidade social para pressionar qualquer indivíduo à maternidade ou à paternidade. Nós podemos libertar homens e mulheres para viver igualmente enquanto pessoas – para optar pela graça de uma vida solteira, para escolher a companhia de uma pessoa de seu próprio sexo ou do oposto, para decidir viver uma vida totalmente comunitária, para criar seus próprios filhos, ou para serem ativamente solícites com os filhos de outras pessoas e com as crianças do futuro. No processo, aquelas pessoas que optam pelo casamento e pela paternidade, ou maternidade, como própria expressão total de seu amor e preocupação com a vida humana também serão libertados. Pois saberão que foram livres para escolher, e escolheram umes às outres e um modo de vida juntas.

FIM

Texto recebido em 31/01/2024 e aprovado em 09/09/2024